



**Entrevista com
Luis Mauro Sá Martino**
04 entrevista

**Entrevista com
Maria Lucia Homem**
05 entrevista

**A direção da cura
– o tratamento em
psicanálise**

08 especial

EDITORIAL

COORDENAÇÃO

Lauren Stephani Soares de Carvalho.

REDAÇÃO

Alison Maciel Cezar, Ana Gabriela Monteschio (CRP 08/28602), Caroline Lopes Bolsoni, Eduardo Chierrito (CRP 08/22624), Emily Albuquerque (CRP 08/24208), Francieli Ferri, Gabriel Arndt, Gabriela Cristófoli Pereira (CRP 08/26144), Igor Henrique Sabotto Novais, João Henrique Piva Boeira, Joed Jacinto Ryal, Lauren Stephani Soares de Carvalho, Letícia Cabral Gonçalves Lopes, Lucas Franco, Luciano Biondi, Marcos Paulo Shiozaki (CRP 08/23463), Mariana Schemberger Bardi, Mirian Noemí Machado de Souza (CRP 08/23267), Regina Franco Fontana Tuller, Toni Trentinalha (CRP 08/26248), Vinicius Romagnolli R. Gomes (CRP 08/16521).

REVISÃO

Eduardo Chierrito (CRP 08/22624), Gabriela Cristófoli Pereira (CRP 08/26144), Gregório Rodrigues Balieli, João Henrique Piva Boeira, Letícia Cabral Gonçalves Lopes, Luciano Biondi, Mariana Schemberger Bardi, Suelen Albuquerque (MTb 8792/PR).

DIAGRAMAÇÃO

Pamella Arruda Ringwald.

ARTE DE CAPA

Gustavo Barrionuevo

DIVULGAÇÃO

Ana Gabriela Monteschio (CRP 08/28602), Francieli Ferri, Lauren Stephani Soares de Carvalho, Lucas Franco.

IMPRESSÃO

Gráfica O Diário.

TIRAGEM

XXXXX exemplares.

Política de uso: a reprodução de textos e imagens é livre mediante a citação do Jornal Psicologia em Foco e do(a) autor(a).

ENTRE NO NOSSO FACEBOOK PARA ACESSAR CONTEÚDOS EXCLUSIVOS

facebook.com/
psicologiaemfocoinstituto

PUBLIQUE SEU TEXTO

Envie um e-mail para
ipfocinadosaber@gmail.com

Não se esqueça de alinhar o conteúdo
com o eixo temático e seguir as
instruções em nosso site:
instituto psicologiaemfoco.com.br



Vinicius Romagnolli R. Gomes
Psicólogo clínico (CRP 08/16521),
historiador e professor universitário.
Doutorando em psicologia (UNESP).
Membro do Instituto Psicologia em Foco.

Caríssim@s,
Chegamos à reta final de 2019 e temos nesta edição 42 a última do eixo temático “Brasil e Historicidade” que foi o enfoque do ano no Instituto Psicologia em Foco. E por falar em história, me engajei este ano no projeto “Memória JPF”, resgatando todas as edições do jornal, que teve início discreto no distante ano de 2010 (com apenas 6 páginas e 500 exemplares) e que completará uma década no próximo ano. Neste trabalho, me deparei com os mais de 350 textos que foram publicados com assuntos dos mais variados e percebi que gradativamente o JPF passou a abrir mais espaço para a pensar temas políticos, sociais e culturais para além da clínica. Confesso que fiquei surpreso e satisfeito ao notar isso, pois me dei conta de que amadurecemos! Chegar aos 10 anos deste projeto parecia algo muito distante (para não dizer impensável) e

aqui quero destacar a garra de toda nossa equipe que sustenta o desejo em manter esse trabalho vivo a despeito de tantas adversidades. Este ano pela primeira vez me ausentei da coordenação do JPF e hoje vejo como essa decisão, inicialmente temida, foi acertada! Nossa equipe publicou 3 edições belíssimas com temas urgentes e necessários, além disso organizou oficinas não menos importantes que alcançaram toda uma geração de novos profissionais que estão se formando em Maringá. Pensando no contexto que atravessamos, fazer o JPF sobreviver é um ato de resistência e pago aqui meu tributo a esses jovens acadêmicos e profissionais que fazem o Instituto Psicologia em Foco acontecer. Por fim, espero que desfrutem desta edição que foi feita e pensada com muito carinho pela nossa equipe. Nos vemos em 2020 com muita luta e Psicologia em Foco.



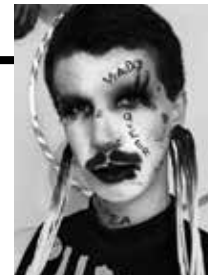
Conheça a equipe do JPF

Leia as edições do nosso jornal também online:

instituto psicologiaemfoco.com.br

CAPA

> Artista



Gustavo Barrionuevo

Artista Visual, pesquisador e professor. Graduado em Artes Visuais e mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPE), ambas pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Estuda os processos de subjetivação relacionados a gênero e sexualidade, partindo da produção e fruição de Arte Contemporânea – em específico, a linguagem artística da drag e do transformismo. A ilustração produzida para a capa é um retrato de Uýra Sodoma, drag queen amazonense, que busca sensibilizar as populações ribeirinhas para a defesa da natureza e da sustentabilidade socioambiental. No contexto atual do país, o trabalho de Uýra se insere em práticas insurgentes que tentam reescrever uma história de descaso e abandono com a população ribeirinha, com a população indígena e com a floresta.



JORNAL PSICOLOGIA EM FOCO

Promovemos experiências transformadoras para que a comunidade (acadêmica e não acadêmica) possa ter acesso à psicologia de uma maneira inovadora.

ENTREVISTA



Formado em Jornalismo pela Cásper Líbero, fez Mestrado e Doutorado em Ciências Sociais na PUC-SP, com pós-doutorado na Universidade de East Anglia (Norwich, UK) em 2008. Na Cásper Líbero, é professor de Comunicação Comparada no Curso de Jornalismo desde o ano 2000. É professor e pesquisador do Mestrado, vinculado à Linha de Pesquisa “Processos Midiáticos: Tecnologia e Mercado”, e lidera o Grupo de Pesquisa “Teorias e Processos da Comunicação”. Autor dos livros Teoria das Mídias Digitais (Vozes, 2014), The Mediatization of Religion (Ashgate, 2013), Teoria da Comunicação (Vozes, 2009) e Comunicação e Identidade (Paulus, 2010), entre outros, atuou como jornalista free-lance, a partir de 1997, em vários sites e revistas, sobretudo ligados à área de cultura e educação, além de desenvolver diversos projetos editoriais.

Luis Mauro Sá Martino

IPF: *Luis, você esteve recentemente em Maringá para falar sobre “amor e comunicação em tempos egoístas” e pontuo de maneira bem-humorada que nosso tempo concorre para “muitos crushes e poucos matches”. Como você avalia os efeitos da revolução digital no âmbito amoroso e dos relacionamentos?*

Luis: Começo agradecendo o convite e a acolhida na PUC-PR de Maringá. O conhecimento também é atravessado por uma dimensão afetiva, visível na escuta atenta, no diálogo e na chance de compartilhar ideias. E agradeço por esse encontro. De certa maneira, aliás, isso está ligado à pergunta. A internet e as mídias digitais nos colocaram diante de nós mesmos com uma intensidade que, até onde sei, não existiu em nenhuma outra época. Isso alterou as noções de “presença”, “contato”, de “estar junto”. Estamos em um regime de visibilidade inédito. Isso nos leva a repensar aspectos centrais da vida social, como a relação entre público e privado, as noções de identidade e alteridade, a diferença entre informação e conhecimento, para mencionar apenas alguns. O desafio, parece-me, é pensar em que medida estamos realmente conectados, ou se não estamos diante de uma ilusão de contato quando, na verdade, estamos sozinhos – e como podemos transformar isso.

IPF: *Ainda no que diz respeito à comunicação, vivemos no tempo da “pós-verdade” e das fake news, como isso nos afeta? Como fica a nossa capacidade crítica em meio a essa modalidade de comunicação cada vez mais virtual?*

Luis: Gostaria de colocar a questão em perspectiva histórica. O nome “pós-verdade” parece pressupor uma época da “verdade”, como o prefixo “pós” sugere. Ao que tudo indica, nunca houve um tempo assim. Por seu turno, as “fake news” não são novas: há exemplos desde a Antiguidade. A mudança atual, parece-me, é a intensidade e a velocidade com que essas informações se propagam. Diante disso, gostaria de destacar duas dimensões. Primeiro, um antídoto contra a informação falsa é, talvez paradoxalmente, mais informação. Buscar outras fontes, questionar as que temos – de onde chegam as notícias compartilhadas em redes? Quem confirma? Perguntar, há muito tempo, é o melhor caminho para o conhecimento.

Segundo, há também uma questão ética, relacionada à nossa postura diante da informação. Vários estudos sugerem que temos uma tendência a considerar como “verdade” informações que sustentam nossos pontos de vista. Inversamente, o que contradiz nossas convicções tende a ser entendido, de antemão, como “errado” ou “falso”. A crítica da informação precisa, a meu ver, ser acompanhada da autocrítica do conhecimento. Não precisamos de algoritmos para vivermos em uma bolha: basta deixar de ouvir outras vozes. Um contraponto a esse cenário é questionar a origem do que sabemos e escutar, na voz do outro, uma oportunidade para a dúvida.

IPF: *A internet oferece referências identitárias que podemos acolher ou não. Como você vê o processo de construção de identidades e narrativas em meio a um cenário onde somos bombardeados de referências o tempo todo. Esse excesso pode ser nocivo?*

Luis: Há vários pontos, mas gostaria de destacar apenas dois, talvez bastante visíveis na questão sempre aberta das identidades. Primeiro, o contato com outras pessoas permite encontrar elementos comuns, compartilhar vivências, perceber que não estamos sozinhos, encontrar grupos e comunidades – e esse vínculo parece ser um dos pontos mais importantes da vida social. Isso abre perspectivas importantes em termos do reconhecimento de vulnerabilidades, na identidade de grupos e nas possibilidades de compreender melhor quem somos. Há outro lado da questão. Temos uma quantidade imensa de informações sobre os modos de vida de outras pessoas. No entanto, paradoxalmente, sabemos muito pouco a respeito delas. É o que procuro entender como “apropriação metonímica do outro”, na figura de linguagem que toma a parte pelo todo: a partir de um perfil em rede social, ou mesmo de um único post, imaginamos o todo da pessoa – e, às vezes, isso basta para formularmos julgamentos a seu respeito. Como lembra a filósofa Edith Stein, a empatia, mais do que “se colocar no lugar do outro”, está ligada ao movimento de tentar entender o outro em suas várias dimensões. Do outro lado da tela, há uma pessoa múltipla, composta de suas luminosidades e suas sombras – exatamente como nós.

ENTREVISTA

IPF: *Você menciona em suas palestras que a questão crítica é o uso que fazemos das tecnologias e não ela em si. Encontramos, no entanto, visões mais pessimistas e até certo ponto distópicas sobre o futuro, por exemplo o filme Her de Spike Jonze que se passa em 2030, logo ali. Como você vislumbra o mundo daqui a alguns anos?*

Luis: Nossa, não faço a mínima ideia, rsrs. Em seu livro “A Razão na História”, Hegel nos lembra algo muito interessante: a ideia poderia ser resumida em termos de “A História mostra que os seres humanos não aprendem com a História”. É muito difícil falar em futuro porque a



Possui graduação em Psicologia pela USP, graduação parcial em Filosofia pela Universidade de São Paulo, mestrado em Psychanalyse et Esthétique - Collège International de Philosophie e Universidade de Paris VIII e doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP (2001). Atualmente colabora com a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e é professor doutor da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP). Tem experiência na área de Psicanálise, Cultura e Estética, atuando principalmente nos seguintes temas: psicanálise, literatura, cinema, subjetividade, contemporâneo.

Maria Lucia Homem

IPF: *Um dos principais temas que você discute hoje é o feminismo. Como foi para você esse processo de se enxergar como uma mulher feminista?*

Maria: Diria que qualquer pessoa que observa o mundo a partir da ideia de que todos os seres são igualmente sujeitos não tem como não se colocar numa posição em prol da igualdade e da equivalência entre direitos. Não se trata de ser a favor das “fêmeas” e contra os “machos”, mas de estar atenta às diferenças entre as pessoas e poder ler as formas de dominação de uns sobre os outros.

IPF: *Visto que na contemporaneidade percebe-se um movimento de expansão dos diálogos e debates feministas, de que forma a linguagem e a psicanálise corroboram com o processo de construção e desconstrução do Eu feminino?*

Maria: A psicanálise tem a ver com um processo de escuta, de poder estar diante de um outro e do desvelamento dos processos que o fizeram existir assim ou assado, mais cru ou mais cozido, digamos. A própria escuta transforma subjetividades e propicia que novas partes do que somos sejam desconstruídas e reconstruídas. E mesmo inventadas. Aí está o mais interessante do processo simbólico: ele é conservação e também criação.

IPF: *Maria, em uma de suas falas você menciona a questão da solidão contemporânea. Num mundo marcado pela desregulamentação da esfera pública e da ênfase na esfera privada, estaríamos vivendo o paradoxo de uma sociedade da solidão? Quais os efeitos psíquicos desse cenário?*

História é feita tanto de continuidades quanto de rupturas. Dez anos atrás, em 2009, as redes sociais começavam a mostrar sua força; as conexões à internet ainda não eram tão fáceis; os smartphones estavam começando a se popularizar e a noção de “aplicativo” não era conhecida. Ao mesmo tempo, ainda não resolvemos questões milenares – por exemplo, viver com os outros. Nesse sentido, é muito difícil dizer o que continua ou será transformado até 2030. Penso que teremos mais experiência acumulada na convivência no ambiente digital. E, quem sabe, aprenderemos a conviver com esse outro, próximo, distante, igual e diferente de cada uma e cada um de nós.

Maria: Mais do que no paradoxo de uma sociedade de solidão, vivemos no impossível da “multidão solitária”, em que a estrutura geral é o do grupo -com seus processos identificatórios massificados e quase sempre delirantes- que acaba por compor uma gosma mais ou menos semelhante mesmo a partir de singularidades que antes seriam minimamente autônomas. Ou seja, estamos nos chocando com uma massa brutalizada no cerne da qual gestamos individualidades levemente alienadas, levemente depressivas, perdendo contato com aquilo que se é (ou se poderia ser).

IPF: *Pensando no contexto brasileiro atual, com o aumento do número de desempregos e os cortes de direitos públicos, como, por exemplo, o que está acontecendo no contexto das universidades estaduais e federais, de que forma esses cortes sociais, principalmente na área da educação, afetam o trabalho da psicanálise clínica e extramuros? E como a psicanálise poderia se implicar tendo em visto os retrocessos do atual contexto social?*

Maria: A clínica - qualquer clínica, não somente a psicanalítica - é uma atividade ao mesmo tempo muito específica, para a qual é preciso muito preparo, e uma prática muito simples, em que basta um ser humano se aproximar de outro com algum cuidado para que ela se dê. Afinal, seguindo o fio da etimologia, lembramos que clínica remete ao grego kliné, à operação de se inclinar diante do outro. Ou seja, sempre haverá alguém em sofrimento, em pathos, que fala, grita, se comove, cria, luta... e alguém que achará interessante se inclinar sobre isso e escutar um pouco mais.

CONEXÕES

Arte, sublimação e pertencimento

A produção artística, primordialmente contemporânea, coloca em cheque a relação sujeito-corpo dentro do contexto coletivo em que estamos envolvidos, questionando o indivíduo sobre seu lugar, no sentido literário ou metafórico, como participante efetivo e existente (ou não) na sociedade. Efetividade, esta, que tem sido erroneamente atribuída como significante de “utilidade” e “produtividade” dentro do sistema capitalista. Tania Rivera, doutora em Psicologia, em seu livro ‘O avesso do imaginário’, discute a relação entre o corpo como objeto-arte, a linguagem e as significações que perpassam as relações humanas e constituem as representações sociais que cercam o campo da arte contemporânea. Tendo em vista que o sujeito teme aquilo que desconhece, ao entrarmos em contato com os fenômenos desconhecidos por nós, o primeiro toque à produção contemporânea tende a ser de estranhamento, inclusive, toma papel como foco de projeção de conteúdos internos ainda não elaborados, o que resulta em pensamentos e verbalizações carregados de temática paranoica, inserindo no outro (objeto-arte) aquilo que não suportamos

em nós, alimentando ofensas ou até mesmo retraimento. Rivera cita Lacan (1975): “sublime é o ponto mais elevado do que está embaixo”, reafirmando a potência da arte em permitir que, ao selecionarmos recursos possíveis para buscar suprir os desejos e acalentar as angústias, publicamos socialmente aquilo que nos é de mais íntimo. Porém, entrar em contato, seja de forma visual, tátil, auditiva ou outra, com publicações que ainda são indigestas, causa afastamento. A sublimação, como mecanismo de defesa inconsciente, substitui o objetivo da pulsão que, em primeiro momento, é voltado a um determinado objeto do qual, dentro de uma civilização, não é possível que seja o objeto alvo de satisfação. Mesmo modificando o objeto-meta para outro aceito socialmente, é de suma relevância pontuar a impossibilidade de chegar a uma satisfação libidinal completa. O completo e o pleno não existem. A arte também tem impulsão como possibilidade de desdobramento da compreensão crítica de espaço e pertencimento, dando voz a públicos que trazem à tona juízos sobre as significações



Letícia Cabral Gonçalves Lopes
Acadêmica do terceiro ano de Psicologia da Unicesumar e membro do Instituto Psicologia em Foco.

derramadas em seus locais existenciais, onde deve e não deve estar, ou até mesmo de que forma deve aglutinar suas produções, postulando aqui certa normatização social do que seria considerado arte e do que não seria, rememorando-nos da clivagem de objeto (bom e mau) discutido por Klein em seus anos de produção psicanalítica. Essa posição, de clivagem, trazida por Klein, pode inclusive ser aplicada à movimentação social-política no atual contexto de vigência, mas, nesse momento, cito em cunho apenas de reflexão. O debate da existência, do espaço e do sujeito-corpo não seria o mesmo sem a comparência da psicanálise, sendo ela um dos movimentos que instalam o campo de todo o pensamento verdadeiramente crítico. Interligando sujeito e reflexão crítica, artistas brasileiros como Hélio Oiticica, Lygia Clark e Cildo Meireles possibilitam-nos o contato com o que ainda é indigesto, colocando em pauta o tempo, o espaço, subjetivo e coletivo, a posição, e, conseqüentemente, a aflição frente ao desamparo.

CONEXÕES

Kierkegaard: a existência autêntica e o contexto histórico-político-social do Brasil

A questão da busca de um sentido para a existência do homem sempre foi assunto de diversos debates e problematizações filosóficas. No século XIX, iniciou-se com Soren Kierkegaard (1813-1855) uma corrente filosófica denominada Existencialismo, que sistematizou uma nova compreensão da realidade do homem, da vida e do mundo. O homem é visto agora sob uma ótica diferente, como um ser autônomo que precisa se livrar das ideias pré-concebidas de até então para dar sentido a essa existência breve e passageira. Cada indivíduo é um ser singular, único, irrepetível que teria a necessidade de assumir a condição concreta de sua existência. Nesse sentido, o filósofo parte do interesse da formação do homem enquanto indivíduo que deve se realizar, conferindo-lhe uma dignidade e compreensão próprias para que, através disso, o mesmo possa vivenciar uma existência autêntica. Partindo desse pressuposto filosófico podemos lançar um olhar para o atual cenário político brasileiro. Vivemos uma época em que ser autêntico parece que é se colocar numa posição de dominação, exclusão e poder. Presenciamos uma rebeldia pautada não pela luta por direitos iguais, mas por interesses individuais que visam o “bem-estar” de poucos indivíduos em detrimento dos demais. Os termos sociedade, coletivo, cidadania parecem estar sendo submergidos em novos mares. Ser autêntico na política brasileira parece ser também aquele que se coloca como criador de leis próprias (que estejam de acordo com benefícios próprios), que propõe a morte como resolução de conflitos e a defesa de desejos subjetivos inconscientes

que se revelam doentes de si mesmos. Kierkegaard compreendeu que toda a existência se fundamenta no indivíduo. Ele é o seu centro e ela é uma tensão para ele. Existir é se tornar, transformar-se. É a passagem de algo concreto a outro, é transformação, é vir a ser, ou seja, é descobrir-se mediante o trajeto que o homem realiza rumo a si mesmo. Diante desta perspectiva, a existência enquanto vivência do homem político brasileiro não tem privilegiado a fundamentação da subjetividade da maioria de seus indivíduos há tempos. Olhando para os trajetos políticos e históricos que já vivenciamos no Brasil, é possível indagar acerca dos pensamentos escrupulosos de tantos governantes que não incentivaram e não incentivam uma existência de qualidade para seus eleitores. Se o indivíduo possui um valor imensurável, é livre e deve ser responsável pelas suas escolhas e pelo compromisso de assumir o seu próprio jeito de existir, algo não está correto no processo histórico do Brasil. É necessário parar e olhar de forma crítica para as nossas verdades históricas opressoras, para que possamos pensar em mudanças reais. A existência para Kierkegaard é força de coerção e contradição, não é síntese, mas ruptura. Assim também é o percurso histórico brasileiro. Talvez a proposta do filósofo para uma construção política e social autêntica seria tomarmos-nos consciência de nossa subjetividade enquanto detentores de direitos, deveres e liberdade, haja vista que somos seres sociais. O indivíduo existencial deve



Carlos Alberto da Silva
Graduado em Filosofia (PUCPR), graduando de Psicologia (UNIFAMMA) e pós-graduado em Aconselhamento (Counseling) – IATES.

escolher e tomar uma decisão a favor ou contra determinada forma de vida, e é justamente aí que entra o nosso papel de cidadãos enquanto construtores de uma existência autêntica que valoriza não só o individual, mas também o coletivo, haja vista que o contexto político por muitas vezes não pensa/pensou desta forma em nossa pátria amada. É preciso o diálogo, a luta pela paz e pelo amor. Não podemos negar que a existência em si, bem como nosso quadro histórico-político-social são permeados de tensões, conflitos e angústias. Não podemos negar também que a vida é uma imensa contradição, permeada de fases e etapas, porém negação maior certamente seria viver uma existência ilusória, oprimida e marginalizada como máscara de uma suposta “autenticidade” permeada de falsas seguranças que o sistema opressor pode nos dar.



CTC Veda
Clínica, Ensino e Pesquisa

CENTRO DE TERAPIA COGNITIVA VEDA | Clínica, Ensino e Pesquisa

PRESENTE EM CINCO UNIDADES PELO BRASIL
Cursos de Especialização reconhecidos pelo MEC e pela União Europeia

CURSOS
Especialização em Terapia Cognitivo Comportamental (TCC) em Adultos
Especialização em TCC em Crianças e Adolescentes
Proficiência em Terapia Cognitivo Comportamental

Unidade Maringá: Especialização em Terapia Cognitivo Comportamental
Formação em Terapia Cognitivo Comportamental em Crianças e Adolescentes

Informações

44 3025.7832
ctcvedamaringa@gmail.com
www.ctcveda.com.br



A direção da cura – o tratamento em psicanálise

Pensar que a psicanálise é uma experiência de cura, implica em pensar que pessoas adoecidas procuram um tratamento para se verem livres daquilo que as faz sofrer. E neste ponto, não há como dizer diferente: se o psicanalista é alguém que passou pelo percurso de uma análise, ou mais precisamente, é da ordem daquilo que resta de uma análise sem se livrar.

Contrariamente do que se divulgam (mais precisamente nas redes sociais), o psicanalista não é um agente “curado” do mal-estar que habita a todos, mas sim, alguém evada a seu derradeiro fim, ele também é alguém que sofre e padece daquilo que as pessoas que o buscam, que de algum modo soube, a partir de sua própria análise, lidar com isso que nos habita. Para Freud, o tratamento psicanalítico começa de uma forma bem interessante, alguém que se põe a falar a alguém que se ocupa de escutar. Basicamente isso irá determinar, após um breve período de experiência clínica, as regras fundamentais da psicanálise: Associação Livre de Ideias e Atenção Flutuante.

Desta experiência de fala, não importando o que se fale, ou de que se fale, temos o efeito, quando minimamente bem dirigido o tratamento, da amenização dos sintomas. Alguns sintomas desaparecem, algumas coisas aparecem no lugar. Freud chama esse processo a princípio de rememoração. Conforme os pacientes vão falando, eles vão se recordando de coisas passadas (o analista não precisa dirigir a fala do paciente – nem deve) e a lembrança produz catarse. Ou seja, aquilo que antes produzia inibições, sintomas, fobias, angústias ou pensamentos, dá lugar ao relato de acontecimentos. A psicanálise então, para Freud, pode ser pensada como um tratamento da história de quem procura um analista.

Mas seria somente isso? Ou ainda, esse tipo de efeito, qualquer terapeuta alcança. Isso podemos inclusive encontrar em nosso dia a dia, nos sonhos, nas conversas com um mestre, na leitura de um bom livro, na prática de alguma atividade que me permite repensar aquilo que chamo de vida.

Freud vai além.

Conforme o tempo vai passando e a prática clínica vai produzindo um corpo teórico

mais substancial, Freud e o grupo que o acompanhava, aos poucos vão repensando o processo analítico. A psicanálise vai sendo criticada por seus próprios praticantes, e em determinado momento, o próprio Freud é levado a escrever sobre o que seria o final de uma análise. Para a surpresa de muitas pessoas, em várias citações, não encontramos o fim do sintoma como correlato ao fim da análise. Então podemos nos perguntar, se a psicanálise não serve ao fim do sintoma, ou do sofrimento, a que serviria uma análise?

É claro que uma análise produz como efeito a cura, sim a cura, de fobias, estados de pânico, crises de angústia, de transtornos mentais. É evidente que quem passa pelo processo analítico, torna-se uma pessoa diferente, e até certo ponto, alguém que se considera uma pessoa melhor. É sabido também que todos que se analisam tem uma relação diferente com o sofrimento, raramente produzindo sintomas, raramente impedidos de agir de acordo com seu desejo, raramente se submetendo ao outro de forma a “desaparecer” enquanto sujeito. Esses seriam os efeitos terapêuticos de uma análise, efeitos que o próprio Freud considerava como ganhos secundários, não como o objetivo de uma psicanálise.

É em 1937 que Freud publica um dos seus últimos e mais importantes textos a respeito do progresso de uma análise e de seu fim, a saber: “Análise finita e infinita”. Neste texto, Freud diz que o fim de uma análise deveria realizar duas condições que estão interligadas entre si. A primeira, de um ponto de vista prático, analista e analisando param de se ver. Nem sempre considerado o fim de uma análise, geralmente uma interrupção. A segunda condição, partiria de uma concepção teórica em que o analisando teria exposto tanto material reprimido quanto possível e elaborado isso que estava sob a égide do recalque. Elaborar tem a ver com por a trabalho, permitir que aquilo que antes estava recalcado possa aparecer com a possibilidade de escolha. Em outras palavras, um tratamento psicanalítico tem como objetivo produzir no paciente determinada condição subjetiva que o capacite a lidar de uma outra forma com aquilo que chamamos de destino, ou ainda,

com o desejo que nos habita.

Lacan, talvez, seja o primeiro que irá formalizar o fim de análise de acordo com a ideia freudiana. Quando propõe, dentro da IPA, um retorno a Freud, não o faz sozinho. Via que a psicanálise havia perdido seu objetivo principal. Ao menos a psicanálise freudiana, visto que Klein, Anna Freud, entre outros analistas da época, tinham também objetivos “autobiográficos”, por assim dizer, ou seja, os objetivos de uma análise para os analistas que se analisavam com Klein, era analisar e sanar as relações de objeto, por exemplo, apenas para citar, não me aprofundarei nisso. A Psicanálise, em determinado momento, deixa de lado seu objetivo e passa a ter como objetivo os efeitos terapêuticos que determinado analista encontrava e propagava como uma corrente teórica dentro da formação psicanalítica.

Lacan, para ir direto ao assunto, vincula o objetivo de uma análise freudiana com a produção do analista. Será em 1964 que ele irá dizer com todas as letras que o fim de uma análise se trata de produzir um analista, diferenciando a psicanálise freudiana de uma psicoterapia, propondo que, a todos que desejam seguir o caminho aberto por Freud, sigam para além dos ganhos secundários do tratamento, que caminhem até o fim. Este fim de análise, ganha uma extrema relevância dentro da formação do analista. Pois que os analistas mesmos devem (por mais arbitrário que isso seja) passar pelo processo analítico, visto que o analista é o que resta de uma análise. Neste sentido, retornamos ao início do texto, para concluí-lo. Se a psicanálise é um tratamento e uma experiência de cura, podemos dizer sem sombra de dúvidas que é uma experiência do sujeito com o desejo que o habita e um tratamento de si mesmo. O analista então, é um analista da própria experiência, alguém advertido do seu inconsciente, alguém que pode, após o percurso, amar, desejar e gozar. Que este alguém receba outros em sua clínica, isso é assunto para outro momento. No entanto que fiquemos com a pergunta de Lacan (1958): Quem analisa hoje?



Marco Correa Leite

Analista membro do Instituto Lalangue Londrina, docente e supervisor clínico na Universidade Estadual de Londrina, Coordenador da Pós-Graduação em Fundamentos da Psicanálise em Londrina pela UniFil. Escreveu o livro “Ainda há amor?” publicado pela editora Juruá (CRP/17319).

DESIGN

Protagonismo feminino no Design

Para entendermos a representatividade feminina dentro do Design gráfico, precisamos antes entender um pouco sobre a história do Design em si. Um pouco antes do Design de fato nascer como profissão, existiam os profissionais chamados de “artistas comerciais”, que possuíam uma oficina onde produziam e imprimiam livros, cartazes e demais materiais. Já nessa época havia uma ausência das mulheres na profissão, visto que elas nem ao menos são citadas em registros históricos. Essas oficinas tipográficas excluía, abertamente, as mulheres de seus trabalhos, dizendo que elas não eram fisicamente fortes

para carregar determinados tipos móveis e matrizes, ou que o ambiente era muito “desmoralizador” para elas. Nesse panorama histórico, a escritora Cynthia Cockburn salientou que existiam homens idosos que supostamente também possuíam menos força física e que, nem por isso, deixavam de trabalhar em oficinas tipográficas. Inclusive, algumas entidades feministas, após 1859, abriram gráficas compostas por mulheres para mostrar que elas conseguiam trabalhar nessa área tipográfica. Finalmente, em 1919, o surgimento da Escola Bauhaus (uma escola de design, artes plásticas e arquitetura de vanguarda na Alemanha)

também trouxe suas distinções entre áreas de atuação “para homens”, e oficinas mais próprias “para mulheres”. Quando a Bauhaus nasceu, houve um enorme interesse por parte das mulheres. Mas também surgiu uma grande barreira para limitar o acesso de mulheres à Bauhaus, enfatizando que elas deveriam ter um currículo diferente de seus colegas homens. As mulheres acabaram sendo direcionadas para cursos voltados às oficinas têxteis, que eram mais adequadas às “capacidades femininas”. Apesar dessa segregação, a oficina têxtil foi uma das oficinas mais inovadoras e de maior destaque dentro da Escola. Com o



Aline Jorge
Especialista em Gestão Estratégica de Design e Inovação pela UEL e sócia do escritório Vermelho Panda Design + Branding.

A saúde mental é o pilar para todos os aspectos da vida humana.

Cada indivíduo tem a sua particularidade, sua necessidade individual. Nossa equipe multidisciplinar existe justamente para compreender, analisar e tratar adequadamente cada indivíduo da forma mais profissional e humana.



essentia
Psiquiatria e Psicoterapias

www.essentia.med.br

 44 3346-9222
 44 98813-4848

 /EssentiaMaringa
 @essentiamed

 Av. Joaquim Duarte Moleirinho, 2282 - Maringá-PR | CEP: 87040-555

DESIGN

passar dos anos, as mulheres conseguiram assistir às demais aulas como ouvintes, e algumas alunas inclusive conseguiram participar de aulas “masculinas”. Ao discutir sobre o Design no Brasil, precisamos lembrar que ele apenas foi, de fato, instituído como curso superior em 1963, pela Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI). Nessa época, poucas mulheres foram alunas, e não havia nenhuma mulher na primeira diretoria da instituição. Hoje, as mulheres já ocupam grande parte das cadeiras presentes nas salas de aula de cursos de Design. Temos professoras incríveis, coordenadoras de cursos de Design, palestrantes e profissionais premiadas. Mas ainda são um número muito baixo. E, além de números, outros fatores de desigualdade estão presentes nesse cenário. Dentro de projetos de Design, o próprio estereótipo de designers mulheres com um “estilo mais delicado e fofo” já é um fator histórico que ainda hoje prejudica que mulheres adentrem em meios do Design que, historicamente, sempre foram dominados por designers homens, como é o caso do Design Industrial e do Design Tipográfico. Não podemos esconder o fato de que ainda existe um certo preconceito velado, silencioso e com rosto de amizade, que insiste em dizer que designers mulheres não são as mais

indicadas para assumir posições criativas ou de liderança. Em reuniões, homens sérios são considerados profissionais confiantes. Mas o mesmo não acontece com as mulheres sérias: ainda são consideradas “mal-amadas”, “mandonas”, ou “estão naqueles dias”. Sendo assim, “precisam” sorrir mais, ser mais gentis, “menos feministas”, precisam falar certas coisas com um jeito mais delicado, para não assustarem os homens presentes e conseguirem, quem sabe, serem ouvidas. Em muitas reuniões, seja com colegas de trabalho ou com clientes, as mulheres dão ótimas ideias: mas suas ideias são passadas “despercebidas”. Então um colega homem se apropria e fala de novo a mesma ideia (às vezes com as mesmas palavras, às vezes com palavras um pouco diferentes, para disfarçar), e ele é aplaudido de pé, encarado como o cara super inovador, descolado e dono das melhores ideias. (E sabia que isso tem nome? Chama “bropriating”: quando um homem decide se apropriar das ideias de uma mulher e leva os seus créditos. Isso ainda acontece muito e em todos os lugares: inclusive dentro do tão democrático Design.) O Design é um campo de atuação social por natureza, sempre pensando no bem-estar das pessoas e em transformar o mundo em um lugar melhor. Mas a área ainda apresenta uma grande ingratidão pelas mulheres: observe

quantas mulheres são coordenadoras dos cursos de Design, quantas mulheres estão em eventos sobre Design, quantas estão falando sobre Design, quantas estão escrevendo sobre Design, quantas publicam livros, quantas lideram reuniões ou então quantas estão sendo citadas em textos e artigos. Não é por falta de talento que nós não estamos em equilíbrio numérico com nossos colegas de profissão. É por falta de pessoas percebendo que é preciso mudar essa realidade. Precisamos de mais coordenadores pedagógicos chamando mulheres para liderarem os cursos de Design, coordenadores de eventos chamando mulheres designers para palestrar, editoras e blogs chamando mulheres designers para escrever. Não temos como prever o que o futuro do Design irá nos trazer, o que podemos é começar a moldar esse futuro no nosso presente, mudando a forma como as mulheres são incluídas e representadas no nosso cotidiano. Mesmo que tenhamos sido excluídas de muitos livros de história de Design pelo mundo afora, podemos mudar isso, construindo nossa história por meio de nossos projetos, de nossas ideias, de nossas produções textuais e de nossos diálogos. Mudar é preciso, e toda mudança só acontece com um primeiro passo.



Mirian Noemí Machado de Souza
Psicóloga
CRP 08/23267

(44) 99993-2933
mirian_machadodesouza@hotmail.com



THE
KINGDOM

SOCIAL

A falácia da igualdade: somos todos?

Atualmente, as redes sociais têm sido uma importante ferramenta na disseminação de notícias, permitindo que pessoas de todas as idades em todo o país possam receber uma determinada informação, manifestar-se e opinar sobre ela praticamente em tempo real. Com isso, casos de preconceitos, discriminações e violências, que antes poderiam atingir um público menor e não receber a devida importância, ganham proporções homéricas nas redes, contando muitas vezes com o apoio maciço da população que, indignada, se une para “contra-atacar” com boicotes, protestos e postagens em massa manifestando apoio e indignação.

Se por um lado, esse comportamento promove a união da população em torno de uma causa ou indivíduo vitimizado, por outro mostra-

se prejudicial e equivocado. É o caso das hashtags #somostodos que periodicamente viralizam nas redes sociais. Protestos como as postagens em massa de selfies de pessoas famosas e anônimas com bananas ostentando a hashtag #somostodosmacacos em resposta ao ataque racista sofrido pelo jogador Daniel Alves, o apoio de colegas e internautas à jornalista Maju Coutinho com cartazes que diziam #somostodosMaju quando da onda de comentários racistas nas redes sociais e a comoção, dentro e fora das redes sociais, pelo ainda recente assassinato da vereadora Marielle Franco levando manifestantes exigirem respostas para sua morte utilizando-se do #somostodosMarielle para expressar seu apoio às pautas defendidas pela vereadora são exemplos de como nos unimos em torno de



Mirian Noemi Machado de Souza
Psicóloga clínica psicanalítica, bacharel em Psicologia pela Unicesumar, faz especialização em Psicoterapia de Orientação Psicanalítica (CRP 08/23267).

uma vítima para nos colocarmos em seu lugar, não compreendendo, no entanto, que diferente do que entoam em uníssono essas tantas vozes virtuais, não somos todos. Manifestar apoio dessa maneira tem feito com que não se dê atenção às características da vítima que fizeram com que ela se tornasse uma vítima. No caso da jornalista Maju Coutinho, por exemplo, um dos raros rostos negros no jornalismo nacional, vitimizada justamente por ser negra, levou uma multidão de pessoas brancas, imunes à violência por ela sofrida, desfrutando de privilégios sociais por sua raça e características estéticas, entoarem que são semelhantes à ela. Esse movimento isenta a responsabilidade que todo indivíduo que ocupa qualquer lugar de privilégio em nossa sociedade possui de reconhecer

SOCIAL

sua posição privilegiada e sua trajetória, compreendendo inclusive que existem características que foram arbitrariamente colocadas como positivas ou negativas durante a história do desenvolvimento de nosso país, cultura e política. Tais características herdadas cultural e historicamente são o que, na contemporaneidade, levam um torcedor a insultar Daniel Alves e não Kaká, por exemplo. A foto que mais circulou nas redes sociais como resposta aos ataques sofridos por Maju Coutinho na internet foi a de William Bonner e Renata Vasconcellos segurando cartazes dizendo que são Maju. O movimento dos dois jornalistas, destaca-se aqui brancos e socialmente privilegiados quando comparados a ela, para demonstrar empatia pela colega, entretanto, acabou por assumir um local de protagonismo na campanha, deixando como segundo plano a própria Maju, vítima de racismo. O jogador Daniel Alves declarou em entrevista que não concorda com a campanha feita a seu favor dizendo que somos todos macacos. Se somos todos Marielle, por que apenas ela foi brutalmente assassinada por ser Marielle?

Por que considerarmos como igual, portanto, aqueles que não são? Obviamente temos pontos de identificação com todas essas pessoas, por isso a revolta e a indignação com esses casos é

tão expressivo. Contudo, é necessário rever a maneira como nos manifestamos nesses casos, saindo da passividade desonesta de gritar que somos todos quando na verdade estamos, muitas vezes, confortavelmente seguros em nosso espaço privilegiado, quando nele não estavam o jogador Daniel, a jornalista Maju, a vereadora Marielle, a garota Agatha, a travesti Robertha, o mestre de capoeira Moa do Katendê e tantos outros, expressivos em número e na brutalidade com que se tornaram vítimas de um aparato social e ideológico desigual. Toda revolta em casos de injustiças e desigualdade é válida. No entanto, é necessário compreender aquilo que de fato nos une e o abismo social invisível que nos diferencia, para a partir daí, então, compreender qual o meu e o seu espaço na luta para transpor esse abismo. Quem sou eu? Quem são eles? Ao dizer que somos todos, afirma-se um campo de memória que prevê a quantidade, mas não compreende a historicidade. São urgentes ambos os questionamentos para que se pare de difundir campanhas equivocadas que colocam em posição semelhante aqueles que não estão, compreendendo que o problema vai sempre muito além de Maju, Daniel e Marielle como indivíduos e que, acima de tudo, em níveis e lugares diferentes (agora sim é correta a generalização) somos todos parte do problema.

ÉMILY
ALBUQUERQUE
Psicóloga
CRP: 08/24208

- Crianças
- Adolescentes
- Adultos

44 999194877

/psicologae.albuquerque

emi_lylaiane@hotmail.com

ACONTECEU

Se toca: dialogando sobre autocuidado e sexualidade feminina

As mulheres colaboradoras do Instituto Psicologia em Foco, em parceria com o movimento Empodera, realizaram no dia 19 de outubro uma roda de conversa intitulada “Se toca: dialogando sobre autocuidado e sexualidade feminina”. Na construção do diálogo, foram levantadas questões e pontos relevantes sobre a

sexualidade e identidade feminina, como também a expressão da mesma e das atribuições do senso comum à feminilidade.

A contextualização histórica da sexualidade feminina foi feita pela psicóloga Ana Monteschio, referenciando os períodos da Idade Média e da Modernidade. Além

disso, ressaltou-se a repressão feminina e como a identidade da mulher é cerceada e controlada pela sociedade, estando sob domínio dos homens.

No diálogo conduzido pelo IPF, as participantes da roda de conversa trouxeram também questões referentes aos tabus da identidade e do sexo feminino.

ENTRE
20 DEZ. E 19 DE JAN.
FAÇA PARTE DA
NOSSA EQUIPE
PROCESSO SELETIVO IPF
ENVIE SUA CARTA DE APRESENTAÇÃO PARA: IPFOFICINADOSABER@GMAIL.COM

ACONTECEU

Discutiu-se a respeito do silêncio social vivenciado pelas mulheres, negação do desejo sexual feminino, objetificação do corpo da mulher, banalização de figuras femininas que fogem do padrão de feminilidade, o uso da pornografia

falocêntrica e a dificuldade experimentada por mulheres ao conhecer o próprio corpo e a si a partir, por exemplo, da masturbação e do alcance do orgasmo, o que interfere no autocuidado e na prevenção de doenças, como as infecções sexualmente

transmissíveis (IST).
A roda de conversa possibilitou a discussão sobre o papel e função materna incumbida pela sociedade a mulher e a troca de experiências entre todas as que ali estavam presentes.



ACONTECEU

ESCREVA PARA A NOSSA PRÓXIMA EDIÇÃO!

INSTITUTO PSICOLOGIA
EM FOCO
I P F

WWW.INSTITUTOPSICOLOGIAEMFOCO.COM.BR

NOVO

-

EIXO

-

TEMÁTICO



PRAZO DE
ENVIO:
15
-
FEV
-
2020



ACESSE AS
NORMAS AQUI

WWW.INSTITUTOPSICOLOGIAEMFOCO.COM.BR

**MAL-ESTAR E SINTOMAS
NA ATUALIDADE**